

LÍNGUA-CULTURA-SOCIEDADE EM CANGACEIROS DE JOSÉ LINS DO REGO*

Language-Culture-Society in José Lins do Rego “Cangaceiros”

Mônica Maria Montenegro de Oliveira**
Ana Cristina S. Aldrigue***

Resumo: *Esse artigo apresenta o uso da expressividade referenciada na obra **Cangaceiros**, de José Lins do Rego, o seu romance sertanejo único, que retrata o Nordeste do cangaço, buscando informações, a partir de estudos teórico-práticos, sobre os valores e cultura regionais, considerando a relação tripartite língua-cultura-sociedade, marcada pelo contexto estabelecido à obra.*

Palavras-chave: *expressividade; **Cangaceiros**; José Lins do Rego; língua-cultura-sociedade; cangaço.*

Abstract: *This article presents the use of expressiveness referred in **Cangaceiros** by José Lins do Rego, his unique novel, which deals with the hard Northeast reality, searching information, from theoretic-practical studies, about the rescue of regional values and culture, considering the tripartite relationship language-culture-society, pointed out by the context to the novel itself.*

Key-words: *expressiveness; ‘**Cangaceiros**’; José Lins do Rego; language-culture-society; ‘cangaço’.*

1. Introdução

Este artigo veicula um estudo de cunho lingüístico em **Cangaceiros**, de José Lins do Rego, (1953), o seu romance sertanejo único, que retrata o Nordeste do cangaço, dando luz e vida ao Capitão Aparício Vieira, o cangaceiro Lampião, como refere Manuel Diegues Júnior na sua análise crítica sociológica *apud* Villaça (1999, xiv).

Segundo Ariano Suassuna (1967), José Lins do Rego se filiou a uma tradição mais antiga da Literatura erudita do Brasil, a do sertanismo, que antecedeu a dos romances da Zona da Mata. Suassuna

* Este texto é uma homenagem à Professora Maria das Neves Alcântara de Pontes (*in memoriam*), sob cuja orientação este trabalho tomou forma.

** Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba

*** Professora da Universidade Federal da Paraíba

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/ Dez 2008	163-179
------	-------------	------	------	---------------	---------

qualifica **Cangaceiros** como a obra-prima, a grande gesta épica de Aparício Vieira, o cangaceiro e defende tal afirmação:

...Comumente, quando se fala na obra de José Lins do Rego, é numa referência ao “Ciclo da Cana-de-Açúcar”, ou, principalmente, a Fogo Morto, considerado como sua obra-prima. É que os críticos de José Lins do Rego têm sido, até hoje mais ligado à Zona da Mata do que ao Sertão.

Desse modo, pensamos que, enquanto mestre da língua, José Lins do Rego conhecedor dessa realidade lingüística, utilizou-se da expressividade e da forma popular para caracterizar o perfil de um personagem - “Os cangaceiros”.

Apresentaremos a partir de estudo teórico-prático o resgate de valores e cultura regionais, levando em consideração a relação triológica (língua-cultura-sociedade), marcada pelo contexto à obra, além de definições de expressividade sob os pontos de vista lingüístico e histórico-social; em outras palavras, a expressividade em que se espelha a sabedoria popular, o ambiente geo-espacial e os costumes, visto que a linguagem universal não é mais importante que o sotaque local, e, conforme bem o destaca Aragão (1989, p. 19) *“Para se entender uma língua é necessário se conhecer o povo que a fala: seus costumes, crenças, tradições, suas histórias de vida enfim”*.

Há de se reconhecer que em **Cangaceiros**, José Lins do Rego utiliza a língua da mesma forma que nos habituamos a ouvir e, também, a usar, respeitando as características da região e de época. Este é um processo que exige do autor um vasto conhecimento lingüístico para poder obter o seu intento. Dessa maneira, a forma como o escritor absorve a palavra e o bom uso dela vai determinando-lhe o estilo e diferenciando-o dos demais.

Conforme a opinião de críticos, ensaístas, enfim, dos estudiosos da língua, José Lins do Rego é um, entre os escritores, dos que mais se destaca na arte de retratar as falas populares, considerando a maneira singular de enfrentar a palavra resultando, desse processo, expressões vigorosas com sabor e energia pouco detectadas em outros autores.

Milliet (1980) vai além ao acrescentar ainda que:

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	-------------	------	------	--------------	---------

...Do ponto de vista da técnica ficcionista ergue-se o escritor, neste livro, a um nível fortemente realista, entremeando as descrições com as reflexões de seus heróis e com monólogos interiores, utilizando com felicidade o presente histórico, aproveitando sem exagero o vocabulário, as metáforas e os ditados regionais e obtendo efeitos surpreendentes das repetições...

No que tange à escolha da obra que subsidiará este trabalho deveu-se, sobretudo, a três motivos: o primeiro é que a maior parte dos estudiosos da obra de José Lins do Rego parece ter deixado um pouco à parte, as pesquisas sobre o Sertão, seja dos santos quanto dos cangaceiros. Segundo, em **Cangaceiros** se faz presente o conjunto representativo de personagens de uma região e de uma época, um sertão “... dos que matam e rezam com a mesma crueza e a mesma humanidade” Milliet (1980). Terceiro, a expressividade em Cangaceiros que pode se apresentar de inúmeras maneiras/fontes, uma vez que uma língua, por meio do vocabulário (léxico), reflete as experiências do povo que a fala.

Após afirmações e questionamentos de que tomamos conhecimento no decorrer das leituras realizadas, convencemo-nos de que ambos, autor e obra escolhida condensam as características ideais para a realização da nossa proposta, ou seja, o estudo do uso da expressividade em **Cangaceiros**, de José Lins do Rego. Para atender aos nossos objetivos delimitaremos o espaço de incursão nos registros da fala com exemplificações de alguns usos da expressividade de personagens e narrador presentes na obra, ressaltando/evidenciando a inter-relação língua-cultura-sociedade.

2. Marco Teórico

O léxico da língua portuguesa resulta de uma mistura de povos e culturas, fazendo com que este fato contribua, significativamente, para expansão e enriquecimento desse léxico. Segundo Trask (2004, p. 155):

O léxico é o vocabulário de uma língua, porém em lingüística, geralmente, não se fala do vocabulário de uma determinada língua, mas do seu léxico, o

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

inventário total de palavras disponíveis aos falantes.

Nesse sentido, o vocabulário de uma língua se apresentaria dividido em ativo e passivo, nos quais se encontram, respectivamente, as palavras que o falante de uma língua faz uso e aquelas que o falante compreende sem, contanto usá-las. O léxico assim disposto não se ateria a lista de palavras, mas concebido como um conjunto de recursos lexicais, perpassaria os morfemas da língua e os processos disponíveis para construir palavras, por meio desses recursos.

O estudo proposto será norteado pelas Teorias Lingüísticas, dentre elas, a dos Campos Léxicos, visando aos aspectos lingüísticos e extra-lingüísticos com apresentação de um levantamento das expressões, provérbios, adágios populares e fraseologia das palavras inseridas na linguagem utilizada por José Lins do Rego no universo de **Cangaceiros**.

Na definição de Campos, apresentada pelo filósofo alemão Jost Trier, os conceitos abrangem todo o âmbito real e cria, assim, realidades vivas encampando as palavras isoladas e a totalidade do vocabulário, considerando a relevância do contexto para o significado.

Essa teoria pode ter tido origem na doutrina de Wilhelm von Humboldt em que um dialeto ou língua deveria ser considerada como um todo orgânico e diferentemente de outras línguas, devendo, ainda, exprimir a singularidade do povo que a falasse. Dessa forma, a língua é o instrumento que indica, particularmente, a tentativa de realização da fala de uma nação, conforme pensamento de Aragão (1989, p. 19) mencionado anteriormente.

Confrontando os estudos sobre a Teoria dos Campos encontramos que suas raízes filosóficas se misturam com os princípios de Cassiré, isto é, a influência da língua sobre o pensamento, assim como aos de Saussure particularmente, quando considera a língua como um todo orgânico cujos elementos delimitam-se entre si, para resultar em significação e valor, de acordo com a situação em que se inserem.

Nos estudos sobre Campos, podem-se encontrar várias denominações tais como: campos semânticos, campos lexicais, campos associativos entre outros. Adotaremos, porém, a de Campo léxico-semântico, espelhando-nos na pesquisadora Pontes (1999), por

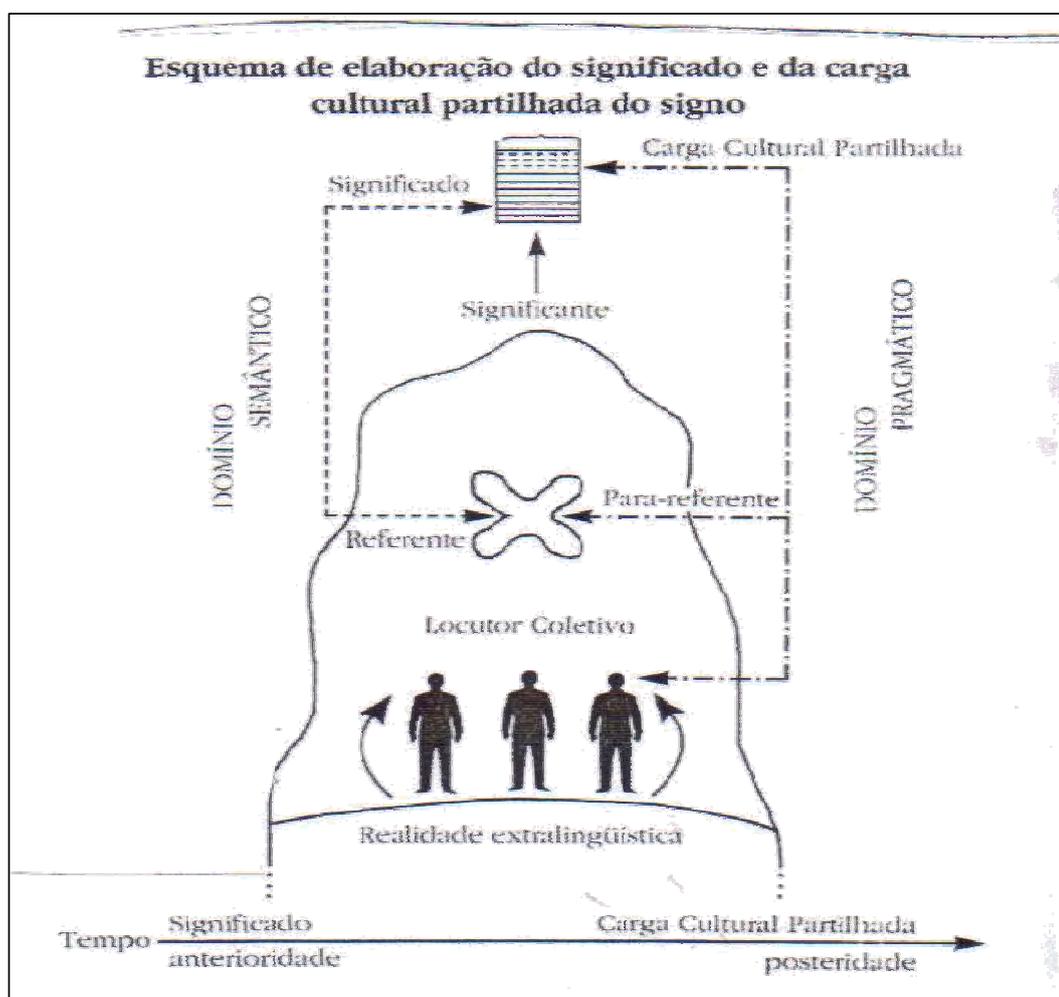
DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

contemplar não apenas a noção de Campo Lexical, mas também a de Campo Semântico.

Assim sendo, procuraremos analisar a expressividade em **Cangaceiros**, de José Lins do Rego, traduzindo os aspectos do ambiente físico, social e cultural, os quais se refletem no léxico regional, considerando o contexto em que estão inseridas.

A língua pressupõe a cultura em todos os níveis (fonológico, morfológico, sintático e lexical e até mesmo no uso da linguagem verbal), mas é o vocabulário que traz consigo a maior carga cultural, razão pela qual usaremos o esquema de Galisson (1987, p. 36) apud Carvalho (2002, p.104) para explicar o significado acrescido da carga cultural:

FIGURA 01



DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	-------------	------	------	--------------	---------

A realidade extralingüística indicada no esquema compreende o mundo exterior do ser humano, acrescido ao seu mundo interior, ou seja, uma realidade construída a partir do recorte que os signos operam na realidade; entretanto a carga cultural pertence à comunidade.

Tendo como um dos objetivos evidenciar a inter-relação língua-cultura-sociedade, far-se-á uso da Hipótese Sapir/Whorf, a qual se liga fortemente às pesquisas etnológicas da antropologia norte-americana e ao Determinismo e Relativismo Lingüístico em que se destacaram Humboldt e Herder, respectivamente.

Os fundamentos dessa Hipótese encontram suporte num trabalho realizado por Boas e colaboradores apud (Lyons (1987, p. 275), que se constitui de grande importância para Etnologia, bem como para a cultura, ressaltando-lhe o papel que exerce na linguagem. É importante, contudo, lembrar que o trabalho realizado por Sapir e Whorf respalda-se, sobretudo, em pesquisas concretas por eles efetuadas, junto às línguas ameríndias.

Para Maria Teresa Biderman *apud* Carvalho (2002, p. 41), “o universo semântico se estrutura em torno de dois pólos opostos – o indivíduo e a sociedade – e da tensão entre ambos se origina o léxico.”

Em outras palavras, nessa teoria, a conceituação da cultura revela-se de maneira transparente nos mecanismos semânticos e gramaticais das línguas.

Segundo Poetzscher (1994), na Hipótese Sapir/Whorf podem-se definir com precisão dois postulados: o primeiro refere-se a influência da linguagem no modo pelo qual percebemos o mundo que nos cerca, a existência de um produto social e de um sistema lingüístico definido, possibilita-nos pensar e falar, uma vez que nele fomos educados desde crianças. O segundo postulado, por sua vez, refere-se à percepção que os homens têm do mundo, em que tal percepção é influenciada pelas diferenças entre os sistemas lingüísticos que se apresentam como um reflexo dos diferentes meios do quais se originam.

Observando as diferentes posições defendidas pelos lingüistas, percebe-se que tais divergências proporcionam uma visão integradora que serve de alicerce a investigações da relação língua-cultura, contribuindo não só para os estudos sociolingüísticos, mas também para a semântica lexical entre outros.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

3. A história e cultura do cangaço

Não é fácil estabelecer uma única definição da palavra cultura, tendo em vista a sua abrangência de atuação e finalidades diversas. Tal assertiva, porém, não se restringe apenas à cultura, mas também a língua Rajagopalan (1998, p. 22) e o tempo Bornheim (1991, p. 103).

O vocábulo ‘cultura’ é originado do latim ‘cultura’ significando *conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes, etc., que distinguem um grupo social* Houaiss (2001, p. 888). Similar definição é apresentada por Ferreira (1986, p. 508) como um *complexo de padrões de comportamento, das crenças, das instituições e d’outros valores espirituais e materiais transmitidos coletivamente e característicos de uma sociedade*.

Convém ainda citar Câmara Jr. (1988, p. 87) que descreve ‘cultura’ *como conjunto das criações do homem que constituem um universo humano /.../* e concebe a ‘língua’ *como produto da cultura*. Inegável reconhecer que por meio da língua a comunicação social entre os membros da sociedade é possível e real.

O termo técnico ‘cultura’ em antropologia foi introduzido por E. B. Tylor [na sua obra *Researches into the early history and development of civilization*] em 1865 apud Murray (1865, p. 4) e ampliado sistematicamente enquanto conceito geral, em 1871, pelo mesmo autor ao declarar:

Cultura... tomada em seu sentido etnográfico amplo é o todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, lei, costume e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade.

A julgar pela análise realizada por Kroeber & Kluckhohn (1952) de 160 definições em inglês formuladas por antropólogos, sociólogos, psicólogos, psiquiatras e outros, a qual resultou na categorização de ‘cultura’ em 06 grupos, a saber: a) enumerativamente descritivo; b) histórico; c) normativo; d) psicológico; e) estrutural; e f) genético, pode-se concluir que o termo ‘cultura’ difere apenas quanto aos pontos que cada área prefere enfatizar e ao modo como acha necessário tornar o termo explícito.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

A definição clássica de E. B. Tylor encontra eco em Boas *apud* Seligman (1930, v.2, p. 79) quando faz menção a uma definição enumerativamente descritiva:

A cultura abrange todas as manifestações de hábitos sociais de uma comunidade, as reações do indivíduo quando afetado pelos hábitos do grupo no qual vive e os produtos de atividades humanas quando determinadas por esses hábitos.

Graças a essa percepção, formatada e alimentada pelas diversas correntes do pensamento teórico mundial, podemos qualificar, de forma compartimentada, frações de estudos e pesquisas setorizadas regionalmente, como é o caso da região Nordeste do Brasil, cujo objeto deste trabalho busca identificar, dentro de uma realidade específica o cangaço e a sua linguagem. Sob essa perspectiva, ratificamos o pensamento de Albuquerque Jr (2006, p. 28) que procura entender alguns caminhos por meio dos quais se produziu, no âmbito da cultura brasileira, o Nordeste, acerca do qual destaca:

O regionalismo é muito mais do que uma ideologia de classe dominante de uma dada região. Ele se apóia em práticas regionalistas, na produção de uma sensibilidade regionalista, numa cultura, que são levadas a efeito e incorporadas por várias camadas da população e surge como elemento dos discursos destes vários segmentos.

O Nordeste nasce, portanto, a partir do encontro do poder e linguagem; o geográfico, o lingüístico e o histórico se encontram quando se analisam essas variáveis que, ao longo de um dado processo histórico, construíram uma geografia, uma distribuição espacial dos sentidos, rompendo com as camadas discursivas e de práticas sociais – linguagem (discurso) e espaço objetivo (histórico), conforme enfatiza Albuquerque Jr (2006, p. 35).

Temístocles Linhares *apud* Villaça (1999, xv) exalta:

Nada de panoramas tranquilos. É o chão ardente das caatingas a se contrair em palpitações

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

sanguinárias e sexuais de dois bandos: os cangaceiros, e os que o governo mandava para combater-los, havendo de permeio toda uma população aflita e sobressaltada. Vive-se o drama do cangaço, na sua esteira de crimes, vinganças, estupros, infortúnios, a que a natureza bravia, mas obsessiva e bela, vem emprestar nota de indiferença, para acentuar a discordância entre a geografia e a história.

Todo e qualquer processo cultural arremete a idéia do contraponto produzido pela dinâmica dialética da história. As contradições estabelecidas pelos movimentos de tensão provocam dinamicamente um resultado e, como consequência, um novo momento histórico, cultural e social.

O cangaço tem como referência um desses momentos: a do contraponto e tensão entre o poder e uma dada fração social que, tensionada, responde com um nível de violência, como os de que faz uso o poder instituído para manter o *status quo* e a intocabilidade do poder.

O termo cangaço é antigo, usado desde 1834, para designar os indivíduos que se apresentavam usando conforme descreve Gustavo Barros *apud* Queiroz (1997, p. 15) “chapéu-de-coiro, clavinotes, cartucheiras de pele de onça-pintada, longas facas enterçadas batendo na coxa”. Cangaço e cangaceiro termos utilizados nas caatingas áridas que formam o chamado ‘Polígono das Secas’. Ambos vocábulos empregados, segundo documentos examinados e relatos existentes verificados por Queiroz (1997, p. 15) em dois casos distintos, traduzem-se em:

Em seu primeiro e mais antigo sentido, referia-se a grupos de homens armados que eram sustentados por chefes de grandes parentelas ou por chefes políticos; ‘pertenciam’ a quem lhe pagava, em cujas terras habitavam e tinham então domicílio fixo, não sendo nem independentes, nem errantes. Mais tarde, o mesmo termo passou a designar grupos de homens armados liderados por um chefe, que se mantinham errantes, isto é, sem domicílio fixo, vivendo de assaltos e saques, e não se ligando permanentemente a nenhum chefe

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

político ou chefe de grande parentela. Estes bandos independentes viviam em luta constante contra a polícia, até a prisão ou a morte.

Antônio Silvino, Corisco e Lampião foram os representantes dessa última modalidade, na qual Lampião, o ‘rei do cangaço’, foi o mais importante pela organização de seu bando, pelas grandes extensões territoriais percorridas dentro do ‘Polígono das Secas’ e pela longa permanência.

Entre os anos de 1922 até 1938, Lampião era mencionado no noticiário, quer regional, quer nacional, sendo a sua morte, em 28 de julho de 1938, no município de Poço Redondo, Sergipe, na Fazenda Angico, por um grupamento da polícia militar alagoana chefiada pelo tenente João Bezerra, juntamente com dez de seus cangaceiros, entre eles a sua companheira, Maria Gomes de Oliveira, cujo apelido era Maria Bonita (a primeira mulher a participar de um grupo de cangaceiros), o marco do desaparecimento dos bandos independentes.

No entanto, a infância de Virgulino Ferreira da Silva, o Lampião, até os seus dezenove anos, foi igual a de qualquer outro menino/jovem de seu tempo e da sua região. Nasceu na comarca de Vila Bela, no estado de Pernambuco, a 7 de julho de 1897 /1898 [há controvérsias sobre o ano de nascimento], filho de José Ferreira dos Santos e Maria Lopes Ferreira, era o terceiro dos novos filhos. Passou sua infância na casa de seus avós maternos Manoel e Jaçosa Lopez. Ajudava o pai nos afazeres da pequena propriedade: Fazenda Passagem das Pedras, Vila Bela, atual Serra Talhada, tomando conta do gado, carneiros e cabras, além de fabricar e cuidar dos artigos de couro.

José Ferreira dos Santos, pai de Virgulino, morto pelos soldados, sob a direção do chefe de polícia, Amarilo Batista de Água Branca e do sargento José Lucena, da Polícia do Estado, levou Virgulino e seus irmãos, Antônio (filho mais velho) e Levino (o segundo) à categoria de bandidos profissionais. Dessa maneira, marcava, com o sangue do pai, o início oficial de sua entrada definitiva no cangaço, conforme ilustra Chandler (1980, p. 51):

... resolvendo viver do crime e lutar contra a polícia para vingar a morte do pai, eles abandonavam qualquer esperança de jamais poder

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

voltar a uma vida normal. Para melhor ou para pior, tinham escolhido a vida de bandidos. Se, até aí tinham sido ‘cangaceiros mansos’ – isto é, tinham levado uma vida normal, porém empregando a violência de vez em quando, em defesa da família e da honra – logo seria diferente. Dentro em breve, chegariam a um tal ponto que seria impossível voltar a uma vida normal, e teriam que viver somente do cangaço.

O cangaço pode ser definido como um fenômeno social, caracterizado por atitudes violentas pelos cangaceiros, os quais andavam em bandos armados, espalhando o medo pelo sertão nordestino. Monteiro (2004, p. 51) define:

O cangaço é filho da capangagem e neto do latifúndio. Juntos formam uma família de bastardos sociais, responsáveis pelo desencadeamento de muitos dos problemas de ordem política, econômica e social no Sertão do Nordeste Brasileiro.

Os cangaceiros, por sua vez, possuíam uma vida nômade, não seguiam as leis estabelecidas pelo governo, eram perseguidos constantemente pela polícia, usavam roupas e chapéus de couro para se protegerem da vegetação das caatingas, além do vasto conhecimento que possuíam sobre os tipos de solo, clima, vegetação, fontes de água e ervas. Em outras palavras, tinham suas próprias regras de conduta e suas próprias leis, eram temidos pelas pessoas e espalhavam o medo por onde passavam. Tornar-se cangaceiro representava seguir certos valores e padrões comportamentais que o Sertão impunha. Mello (2004, p. 89) enumera três dessas formas básicas para seguir a vida nômade e livre de cangaceiro: “o cangaço-meio de vida; o cangaço de vingança e o cangaço-refúgio”.

No cangaço-meio de vida concentrou-se o maior número de voluntários, era uma profissão escolhida, geradora de razoável lucro, teve em Lampião e Antônio Silvino seus principais representantes. No cangaço de vingança, o vingador da família ou o bandido se limitava a vingar-se do opositor para, em seguida, retornar ao lar ou tomar outro destino, teve em Jesuíno Brillhante e Sinhô Pereira os seus principais

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

representantes. No cangaço-refúgio, um asilo nômade das caatingas, um esconderijo de malfeitores, vingadores furtivos ou de pessoas desprotegidas, sem condições de sobrevivência após a descoberta de seus malfeitos, teve o cangaceiro Ângelo Roque seu exemplo máximo.

Mas, afinal quem foram realmente os cangaceiros? Figura romântica do valentão, prosseguindo com o cabra, o capanga, o pistoleiro, o jagunço, bandido e, finalmente, o cangaceiro. Todos os aspectos contraditórios ou negativos remetem e justificam na perspectiva do mito: o cangaceiro era cruel, feroz, perverso porque a sociedade em que vivia era injusta, seja por fatores estruturais e/ou conjunturais, além do mercado de trabalho, no qual cangaço e polícia constituíam as alternativas possíveis de emprego para a população sertaneja, em seus vários níveis sócio-econômicos.

4. A expressividade de José Lins do Rego em Cangaceiros

Os romances de José Lins do Rego são classificados em três ciclos: ciclo da cana de açúcar, ciclo do cangaço, misticismo e seca e obras independentes. **Cangaceiros** é o 12º romance, o último romance, de José Lins do Rego, publicado em 1953. **Pedra Bonita** e **Cangaceiros** formam uma unidade. Revelam a vida sertaneja em sua crueza bárbara, o Nordeste do cangaço e do misticismo, Rego comenta *apud* Villaça (1999, xiv):

Sim, sempre existe o Nordeste em minha vida, como o chão em que piso, e este chão me é tão necessário e tão presente como se fosse a única realidade que me alimenta. Costumam dizer que sou um telúrico; sim, serei sempre um telúrico, porque sempre em mim agirão as forças secretas da terra, a terra, como o homem, tem a sua alma, as suas condições espirituais. O Nordeste é, no Brasil, uma espécie de velha Rússia, onde a alma do povo e a alma das coisas se congregam e se juntam numa concepção mística bem acima das contingências comuns.

Cangaceiros romance mural de sangue, dor e drama social da vida sertaneja, no qual apresenta uma dupla perspectiva: o crime dos cangaceiros e o crime dos caçadores de cangaceiros. Um grande livro

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

do povo, no qual crime e honra se entrelaçam, conforme cita Costa *apud* Villaça (1999, xiv-xv).

A fim de ilustrar tal expressividade, transcrevemos algumas expressões/termos e citações presentes em **Cangaceiros**:

Sertanejo de vergonha na cara; terra de Cambembe; desgraçado nenhum daquelas bandas; criando sustância; força danada; bicho bom; cambra-de-sangue; deu o menor desgosto; rapaz de juízo (**Cangaceiros**, 9).

O bicho cai ciscando; jararaca dele não morde mais boi manso; está vivinho da silva; vivia me impeticando; o diabo do nego; morria devagar como um passarinho; pelos urubus deram com o corpo dele; tinha mandado fazer o serviço (**Cangaceiros**, 10).

É um cachorro, um camumbembe, sem vergonha na cara, capaz de sofrer a maior afronta calado e quieto como qualquer pé-rapado; não arreda o pé; oco do mundo; não bater com a língua (**Cangaceiros**, 11).

Eu te esconjuro; carrego esta sina; este cabra tem desgraçado o sertão e botado a perder os filhos da gente; mães desnaturada; estamos de rota batida; tremia como vara verde; papel de mata-cachorro (**Cangaceiros**, 14-15).

Morto como se fosse um cachorro, sem uma vela, sem uma luz, para iluminar os seus passos no outro mundo; malda da minha falação; estar bulindo nos mandos do Alto; fugindo de um bicho do mato (**Cangaceiros**, 16-17).

Dar uma lição nesta cambada; não ficou nem uma donzela; natureza de bicho; anda gabando; ficou lesa; cair na cacunda; sina de castigo; eu cismo que Deus Nosso Senhor mode que anda por aqueles esquisitos; música fanhosa das rezas, quadro bronco de via sacra; era o destino que se arrastava como um verme de Deus (**Cangaceiros**, p. 20-21).

Se acamaradou logo com cara trancada; foi um dar de cortar coração; estragaram as moças; meninas ofendidas; moça desonrada; arregar os dentes; neste cocuruto de serra; tem nojo da nossa gente; tinha secado o seu coração, e padecia no seu silencia, como uma pedra, num canto, indiferente ao sol; o mundo minguava de tamanho; ele estava acoitado numa fazenda (**Cangaceiros**, 22-23).

A força teve mais de cinco mortos; o resto é conversa; eu estou aqui, de cara calçada; vai arribando; Deus não vai castigar os

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	-------------	------	------	--------------	---------

inocentes; varado de bala; caça acossada pelos cachorros (**Cangaceiros**, 24-25).

Cantar tirando da viola mágoas do coração; fraco como uma moça de alma partida; às portas da morte; naquele retiro de mundo; fechou o corpo (**Cangaceiros**, 26-27).

Aparício pegou nas bichas e foi falando; tu não tem calibre de cangaceiro; natureza de caninada; uma carinha de moça; disse então para o ‘coisinha’ ficar; pegamos o bicho desprevenido e ele a família comeu relho até dizer basta; um cabra que se fizera de besta; trancelim de ouro; ela lá que dê fim a isto (**Cangaceiros**, 30-31).

O mundo gemia com os bichos da noite; a cara do Santo bulindo com a minha alma; a boca da noite se abria; dois caboclos que acodem pelo nome; não ouvia o falaço do capitão (**Cangaceiros** 34-35).

Cair com os quartos; amigação sem vergonha; servir de mulher-dama; e ficava com o diabo no corpo quando via outro cabra se engraçando; não me davam ouvido; alma estorricada; virar as cabeças das moças; brabeza dos cangaceiros (**Cangaceiros** 38-39)

Caminho da perdição; o triste fardo; comeram-lhe a virgindade; moça violada; donzelas desonradas; mulher emprenhada pelo cão; botar a trouxa no quarto; chamou-o para rondar por perto e desembuchou tudo; não tenho mais precisão de saber de coisa nenhuma; sou uma velha boa só mesmo para esticar a canela; se acoitar; uma ordem de arribar; sair assim às doidas; servir de isca (**Cangaceiros**, 42-43)

Bulir nos mandados de Deus; foi até um rebuliço em casa; lavar os peitos; caçando a gente como bicho para esfolar; possuída de uma fúria de animal desembestado, caiu no chão, tesa e dura como uma pedra; caiu num paradeiro de doença (**Cangaceiros**, 44-45)

Sinhá JOSEFINA

Meu filho Aparício, Deus te mandou pra que o nosso povo saiba mesmo que a maldição não parou. O teu rifle não pode mais que o rosário do Santo. **A tua força faz tremer o sertão. É a força dos malditos da nossa raça, da raça do teu pai que a terra vai comer.** Tu, Aparício, não pára mais nunca. E me deixa, meu filho me deixa com os últimos anos desta vida. Eu quero viver

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

até o fim, **eu quero carregar esta cruz nas costas**, Aparício. Vai pro Santo e **pega com ele um taco da força que ele tem**. A tua força, Aparício, é a do sangue que corre nas tuas veias, é a força do teu avô, **o home que era mais duro que o pau-ferro**. Vai beijar a mão do Santo, Aparício. Que ele passe a mão no teu rifle, que ele toque no teu punhal, para ver se assim **Deus possa entrar no teu corpo ruim**. (**Cangaceiros**, 7)

Da leitura das citações e expressões elencadas se extraem as seguintes considerações: um conjunto organizado de indivíduos com um determinado modo de vida, a **cultura** é esse modo de vida. Ao considerarmos a **sociedade** um agregado de relações sociais, então **cultura** é o conteúdo dessas relações. Portanto, a **sociedade** enfatiza o componente humano, o agregado de pessoas e as relações entre elas.

Logo, diante do expressivo testemunho configurado em **Cangaceiros** que descreve, por meio da língua-cultura-sociedade, o espírito e a vida do sertanejo/cangaceiro e da região Nordeste, citamos Jorge Amado *apud* Villaça (1999, xix) sobre José Lins do Rego e suas obras:

Quando ele escrevia, era o povo que escrevia, era bem a voz do povo, tão brasileiro como ninguém, falando de nossas coisas com um acento quase de negra velha contadeira de histórias. Ele sabia tudo sobre a vida do Nordeste, sobre os homens do Nordeste, sobre suas paixões, suas dores, sua confiança.

Considerações Finais

A beleza de uma obra e sua importância no contexto de uma época remete à descrição de uma **cultura**; isto posto podemos afirmar que a **língua** atua como uma espécie de elo entre o indivíduo e a **sociedade** da qual ele faz parte. **Cangaceiros** de José Lins do Rego é esse laço íntimo que liga o léxico (vocabulário) à cultura - retrato fiel de uma região, cujo povo através da língua mantém viva a sua cultura, valores, crenças, costumes, folclore e, conseqüentemente, confirma a relação tripartite língua-cultura-sociedade como indissociável.

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **A linguagem regional popular na obra de Jose Lins do Rego**. João Pessoa: Edições FUNESC, 1989.
- BOAS, Franz. **Anthropology**. In: SELIGMAN, E.R.A. (org.) Encyclopedia of the social sciences. New York, Macmillan, 1930, p.79.
- BORNHEIM, Gerd. “A invenção do novo”. In: NOVAIS, Adauto (org.). **Tempo e História**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 103-118.
- CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 2002, Série Fundamentos.
- _____. **Empréstimos lingüísticos**. Pernambuco: Editora UFPE, 2002.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1988.
- CHANDLER, Billy Jaynes. **Lampião, o rei dos cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980 (Tradução de Sarita Linhares Barsted).
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa: nova edição revista e ampliada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KROEBER, A.L. & KLUCKHOHN, C. **Culture: a critical review of concepts and definitions**. Papers of the Peabody Museum of American Archeology and Ethnology, 1952.
- LYONS, John. **Introdução à lingüística teórica**. São Paulo: Cultrix, 1987.
- _____. **Linguagem e lingüística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1981. (Tradução Marilda Winkler Averbug & Clarisse Sieckenius de Souza).
- MELLO, Frederico Pernambucano de. **Guerreiros do sol: violência e banditismo no Nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa, 2004.
- MILLIET, Sérgio. Trecho de nota à 3^a. Edição de **Cangaceiros**. *apud* In: Romances reunidos e ilustrados de José Lins do Rego: Eurídice - Cangaceiros. Rio de Janeiro: José Olympio. 1980, V.5.
- MONTEIRO, Roberto Pedrosa. **O outro lado do cangaço: as forças volantes em Pernambuco – 1922 – 1938**. Recife: ed. do autor, 2004.
- MURRAY, John. **Primitive culture**. London:
- PONTES, Maria das Neves Alcântara de. “Teoria dos campos lexicais”. In: **Principia**. João Pessoa, v. 3, n^o 7, pp. 109-115, Set. 1999.
- _____. **Lexicologia e Significação: posições teóricas**. João Pessoa: Idéia, 2002.

DLCV	João Pessoa	V. 6	N ^o 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	-------------	------	------------------	--------------	---------

POETZSCHER, Carmem Cinira B. **Linguagem e seus condicionamentos sociais**. Rio de Janeiro: Revinter, 1994.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. São Paulo: Global, 1997.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. “O conceito de identidade em lingüística: é chegada a hora para uma reconsideração radical? In: SIGNORINI, Inês (Org.). **Lingua(gem) e identidade**: elementos para uma discussão no campo aplicado. Campinas: Mercado e Letras; São Paulo: Fapesp, 1998, pp. 21-45.

REGO, José Lins do. Nota do Autor à 1a. edição *apud* In: **Romances reunidos e ilustrados de José Lins do Rego**: Eurídice - Cangaceiros. Rio de Janeiro: José Olympio. 1980, V.5.

_____. **Cangaceiros**: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. São Paulo: Cultrix.

SELIGMAN, E.R.A. (org.). **Encyclopedia of the social sciences**. New York: Macmillan, 1930, v. 2, p.79.

SUASSUNA, Ariano. Estudos Universitários, Revista da Universidade Federal de Pernambuco, V. 7, nº 4, out/dez, 1967 *apud* In: **Romances reunidos e ilustrados de José Lins do Rego**: Eurídice - Cangaceiros. Rio de Janeiro: José Olympio. 1980, V.5.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Almedina, 1994.

VILLAÇA, Antonio Carlos. “Cangaceiros” In: REGO, José Lins do. **Cangaceiros**: romance. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

TRASK, R. L. Dicionário de linguagem e lingüística. São Paulo: Contexto, 2004. (Tradução Rodolfo Ilari; Revisão técnica Ingedore Villaça Koch & Thaís Cristófaró Silva).

TRASK, R. L. **Dicionário de linguagem e lingüística**. São Paulo: Contexto, 2004. (Tradução Rodolfo Ilari; Revisão técnica Ingedore Villaça Koch & Thaís Cristófaró Silva).

DLCV	João Pessoa	V. 6	Nº 1	Jan/Dez 2008	163-179
------	----------------	------	------	-----------------	---------